



## O jihad do coração e as perspectivas do diálogo

*Karolina dos Santos\*<sup>1</sup>*

**Resumo:** O fenômeno do fundamentalismo, diante do pluralismo e da ameaça globalizadora, reage com a afirmação tradicional da tradição, e rejeita todo e qualquer engajamento dialogal com a modernidade. É uma realidade nas religiões nos tempos modernos, que surge sempre como uma reação aos problemas da modernidade. Correspondem a lógicas profundas na nossa sociedade moderna e das religiões. De acordo com Peter Berger o fundamentalismo é um esforço para restaurar a certeza ameaçada. Com os pluralismos, também não podemos negar a existência dos fundamentalismos e extremismos, que se tratando do Oriente Médio, principalmente mundo islâmico, é recorrente na mídia, vemos notícias tratando de conflitos guerras e afins. E com as guerras temos a presença de movimentos que fazem parte do todo, porém o termo usado, abordado pela mídia, na tentativa de unificar todos esses movimentos, e guerras no Oriente Médio é o Jihad. Devido à isso o presente artigo pretende entender o real conceito de jihad, que dentro da perspectiva islâmica seria um empenho, um esforço, e sua divisões, principalmente na parte de jihad maior, que esta relacionada ao combate do ego, ao controle do pensamento, e do bem estar coletivo. Como alega Hourani, o jihad está ligado ao caminho de Deus. E também entender a parte do conceito que pode ser relacionada e colocada em prol do diálogo inter-religioso.

**Palavras chave:** Jihad, diálogo, combate do ego

### Introdução

Abordagens sobre o oriente médio no mundo atual é algo constante, e é algo que as vezes nos intriga, e maioria das vezes é muito estereotipada. E um dos assuntos mais estereotipado desse meio, são as abordagens quando o assunto é o mundo islâmico.

Podemos afirmar o que conhecemos da religião islâmica, majoritariamente é pela mídia, pelo o que é apresentado, é um olhar de rotulação, que passa uma visão como única. Sendo assim não conhecemos a religião de fato.

No imaginário ocidental residem diversas interpretações equivocadas sobre o islã que são tomadas como verdade, sem que se conheça mais a fundo a religião. Tais interpretações fazem com que haja dificuldades no campo do diálogo, que é algo extremamente necessário no mundo contemporâneo. As relações do mundo islâmico e outras nações estão cheias de desconfiança, mal entendidos e percepções equivocadas. Grande parte do ocidente secularizado acredita possuir a melhor cultura do mundo que

---

<sup>1</sup> Karolina dos Santos é mestranda, pesquisadora e bolsista Capes no Programa de pós graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.



deve ser imposta a todos, assim como a religião, a democracia também é vista como única forma de conhecimento da realidade. Tal comportamento dentro da antropologia leva o nome de etnocentrismo, que é menosprezar a cultura do outro, é julgar a cultura do outro através dos nossos padrões culturais. *“A relação entre o Ocidente e o Oriente, é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa.”* (SAID.2012 p. 32)

De acordo com teólogo Iraniano Muhammad Khatami, os termos democracia, e desenvolvimento, são conceitos ocidentais, baseado no modelo de civilização ocidental. talvez aí esteja a maior dificuldade, do mundo ocidental de aceitar uma outra forma de governo, e desenvolvimento, pelo fato de fugir dos conceitos ocidentais.

O que existe na verdade, é uma grande diferença no modo de pensar, o pensamento oriental, e o pensamento ocidental, o qual interfere diretamente na vida religiosa, política e ideológica.

“Pode-se dizer então, como vimos, que a secularização causa o fim dos monopólios das tradições religiosas e, assim, ipso facto, conduz a uma situação pluralista.” (BERGER, p. 146)

Teixeira (2003), alega,

“que em todos os continentes podemos testemunhar a presença do acirramento da violência, que se afigura hoje como uma das mais difíceis e dramáticas questões depois do fim da guerra fria e do confronto entre Oriente e Ocidente.”

De fato o confronto entre Oriente e Ocidente não é algo que nasceu de uma hora para outra, foi algo construído, baseado nas relações estabelecidas entre os mesmos. Porém é uma relação regada a más interpretações. Teixeira (2003) pontua que as religiões tem se tornado historicamente propícias à intolerância, porém o diálogo, pode surgir como uma alternativa, uma possibilidade, de uma nova atuação das religiões, e que também podem exercer um papel significativo na construção de uma ética da superação da violência.

### **Desmistificando os conceitos**

Um dos maiores embates vistos na atualidade, é entre o pensamento oriental e o pensamento ocidental, tal divergência de pensamento resulta em conflitos permanentes e a não aceitação de outras culturas e formas de pensar, e principalmente de governar. Com isso, são criados preconceitos, e mal entendimento quando é a cultura do outro.



E nessa moderna e árdua relação existem muitos conceitos que são mal interpretados, mistificados, e se tratando de oriente principalmente a religião islâmica essas formas equivocadas se acentuam.

E com todos estes acontecimentos não poderíamos deixar de notar a presença de uma das formas de jihadismo, muitas vezes atrelado ao termo “fundamentalismo” tido como o “fantasma muçulmano”, que aparece como a grande ameaça ao ocidente. Os meios de comunicação exercem grande influência nessa discussão, podendo quebrar muitas barreiras, mas também é capaz de erguer muros de desentendimento e preconceitos e rotulações.

E dentro desses desentendimentos, o termo jihad, e seu conceito é algo que é muito mal compreendido no ocidente, quando é citado, logo remetemos à movimentos tais como Al Qaeda, ISIS e outros menos citados, ou então resumido ao termo “guerra santa.”

Porém qual o significado de jihad? Sabemos o que realmente é de fato? Estaria o termo ligado a guerra?

## **O jihad**

A palavra, de acordo com o pensador muçulmano Hassan Hathout (2014),

“tem sido usada pela imprensa ocidental, ao longo das últimas décadas, com o significado mais ou menos direto de “guerra santa”. de fato o termo guerra santa foi denominado na Europa, na época das cruzadas. Na realidade o termo “guerra santa” não tem correspondência no léxico islâmico, e com certeza Jihad não seria a sua tradução.

A palavra jihad é conhecida desde os primeiros séculos do islã, traduzido do árabe, jhd”, quer dizer esforço, empenho. Alguns estudiosos tais como o historiador Albert Hourani irá dizer que jihad, no caso estaria ligado ao caminho de Deus. Porém, sua base em si é religiosa, porém, nem sempre tem significado religioso. Como significado religioso, o termo jihad seria a defesa da moralidade, luta contra as tentações, e proibição do mal. Separando em termos, a jihad maior seria o controle do nosso pensamento, do nosso ego, do indivíduo com ele mesmo, enquanto a jihad menor, não menos importante, seria a defesa da religião e da fé.

O islã é uma religião que não se preocupa somente com o individual, mas também com o bem estar em conjunto da sociedade. E no Alcorão temos suras que



remetem a isso. “*E quando dois grupos de crentes combaterem entre si, reconciliai-os então*”(Alcorão 49:9)

O que vemos muito hoje, principalmente através dos meios de comunicação, uma interpretação equivocada da palavra, o jihad não é contra outras religiões, nem contra cristãos e nem judeus. A guerra não é o objetivo do islã, e todo ser tem o direito de se beneficiar da paz, sem nenhuma distinção religiosa.

Entendendo essa ideia de paz do islã, já é quebrado o estereótipo de islã como sinônimo de guerra, e para fazermos a ponte com o diálogo, o jihad também pode fazer parte, com grande contribuição, para abrir á novas ideias e formas de pensar. Para atrelar ao diálogo, o jihad maior surge como uma forma de melhorar a convivência.

A palavra jihad é encontrada nas três maiores perspectivas islâmicas, sunita xiita e sufi, e as abordagens variam , seria então um equívoco colocar a palavra somente com o significado de guerra santa. no sentido clássico, também significa muito mais do que guerra. Na verdade, Jihad é um termo abrangente que tradicionalmente foi definido como sendo composto de catorze aspectos diferentes, com apenas um dos quais é abrangido pelo termo guerra, só que possui inúmeras regras para ser chamado de guerra de fato, e uma delas seria a legítima defesa . Mas não nos adentraremos nesse quesito, pois requer um outro estudo, e suas interpretações.

O autor Youssef Cherem (2009),“com significado religioso, o jihad pode incluir uma luta contra as tentações(“jihad do coração”, “jihad da alma”) e é nessa jihad que colocaremos o nosso foco, como uma alternativa, uma abertura para o diálogo.

### ***Jihad al Nafs***

O jihad al nafs, ou jihad do ego, ou entre os místicos mais conhecida como o jihad do coração, ainda sim é considerado um esforço , mas não no sentido físico ,mas mental, espiritual, é chamado como o controle do ego e das paixões.

O jihad, levando para o lado pessoal, digo o que cada muçulmano deve fazer, é um esforço, um empenho feito pelo indivíduo para seu próprio bem ou pelo bem estar coletivo, e isso inclui a prática da fé, pregação e outros, esta é vista como o jihad maior. Também, dentro do jihad maior, vemos a existência de um jihad coletivo e outro individual. O jihad coletivo seria algo a favor da Ummah, do islã como um todo. O



jihad individual, inclui projetos de vida pessoais, as lutas diárias, de permanecer na fé, de estar agradando a Deus, e de livrar o islã de preconceitos, levando o conhecimento real da religião a aqueles que não conhecem.

O jihad maior inclui itens, tais como buscar conhecimento do Islã, e atuar conforme o que a pessoa aprendeu. Além disso lutar contra os desejos as paixões do nafs (ego), controlando nosso ego em prol de algo maior, visando a irmandade como um todo. É preciso passar o conhecimento a diante, orientar os que precisam. O jihad também é aguentar as dificuldades, é ser paciente, ser educado e gentil. Mas acima de tudo é o jihad do coração é o combate ao ego, que nos faz agir de forma incorreta, sendo egoístas, sem olhar o coletivo.

Ali o quarto califa do islã dentro da perspectiva sunita, e o primeiro Califa e Imam dentro da perspectiva shiia, possui escritos, pensamentos sobre o combate as paixões, sobre o jihad al nafs.

“O melhor, o ápice do jihad, é o combate do homem à suas paixões desmedidas.”

“Não há combate como o combate às paixões.”

“Domine seu ego combatendo-o.”

De acordo com Seyyed Nasr (2015), o jihad pode ser aplicado de diversas formas, ela pode ser o equilíbrio da convivência do homem em sociedade e suas funções, almejando uma consciência de unidade, uma integração completa. As pessoas mais bondosas aos olhos de Deus são aqueles se esforçam contra os impulsos egoístas do ego pela causa Deus. O Jihad mais obrigatório é aquele travado contra o ego, os desejos, do mundo inferior.

O jihad maior, é a luta do individuo com ele mesmo, é dominar a sua alma em prol do coletivo, é pensar no irmão, desejar para ele aquilo que você deseja para si mesmo, o melhor.

Lucchesi (2002) deixa as claras o jihad que ele realmente acredita, um jihad contra a intolerância, a guerra e o capital, uma busca pelo todo. Chamado de jihad espiritual, é o de maior nível de dificuldade principalmente na atualidade.

### ***O jihad como uma possibilidade de diálogo***

Se pensarmos nos valores propostos dentro do jihad maior, como a questão do combate ao ego por exemplo, podemos pensar e aplicá-lo, como algo que busca ou sugere um diálogo inter-religioso e intercultural.



Os autores Marco Lucchesi e Faustino Teixeira, ressaltam a importância do diálogo com o islã, principalmente na atualidade. É considerado um erro do ser humano permanecer na jihad menor, e não praticar o jihad maior, o combate do ego e das paixões. Marco Lucchesi, possui um carinho pelo diálogo e pelo encontro de civilizações, e defende o islã místico. Defensor da paz universal, considerada a sua grande jihad, que é um novo olhar sobre o outro, que rompe com o tradicional olhar ocidental, principalmente quando o assunto é religião e cultura oriental. Em suas obras são desfeitas as fronteiras que são colocadas para nós, e nos mostra que as culturas, religiosidades podem se aproximar de fato.

Leonardo Boff (2006), mostra que a religião é a cosmovisão comum da maioria da humanidade, com isso as religiões precisam de fato se autoconhecer e entrar em diálogo, e buscar convergências mínimas para que permitam conviver pacificamente. É necessário reconhecer o pluralismo religioso de fato. Ainda em Boff, (2009), o caminho para a paz mundial passa pelo diálogo entre as religiões e pelo estabelecimento da paz entre elas, e para que isso ocorra, é necessário superar os fundamentalismos presentes em ambas as partes. É preciso buscar o diálogo e a cooperação universal, para evitar o choque de civilizações citada por Samuel Huntington .

Precisamos de algo muito mais que a razão, é necessário termos uma sensibilidade cordial e espiritual com o outro. E é nesse ponto que o jihad al nafs, ou jihad do coração adentra, no combate do próprio ego que nos impede de dialogar de nos abrir, e entender que nossa religião e cultura não são únicas. combater o ego requer desprendimento, assim também com o diálogo. Devemos nos desprender, e nos disponibilizar a conversar em prol de um bem maior, o bem da humanidade como um todo, como uma grande *Ummah*, uma grande irmandade. Ali ibn abu Talib, citou uma vez em sua obra Nahjul Balaghah, “*se não somos irmãos na fé, somos irmãos em humanidade.*” A possibilidade de diálogo se mostra possível ,existe uma porta de entrada, e mais uma vez precisamos reconhecer o pluralismo, citado anteriormente, há necessidade de abertura e acolhimento de ambas as partes, uma disponibilidade interior praticada. O diálogo vem acompanhado da empatia, da compaixão , e do cuidado com o outro ,e o que o dificulta é o egoísmo, e a incapacidade de ver que a realidade não esta limitada a uma crença particular.





Lucchesi (2002) ao elaborar “Caminhos do Islã” mostra a necessidade de romper fronteiras , aproximar culturas, e coloca como o seu jihad combater aos preconceitos, se disponibilizar para o dialogo:

“E o dois que se torna um. O inicio de meu jihad, a reunião do Todo e das Partes, das inúmeras parcelas escondidas e fragmentos. E a compaixão pelos oprimidos. Não havia senão uma escolha: Declarar o jihad à favor da paz e da diferença. Pelo sorriso das crianças da Palestina e do Curdistão, contra o monstro da indiferença e do ódio.” (LUCCHESI, 2002, p. 14)

O jihad do coração deve ser conhecido, deve ser praticado, afinal ele é o jihad maior, de maior importância, jihad não é sinônimo de guerra, e isso deve ser lembrado, assim como as boas ações, colocados em prioridade, em prática almejando um mundo mais possível.

### **Conclusões**

Com esse trabalho foi possível traçar parte do conceito de jihad, que é pouco conhecida, e que abrange a maior parte do conceito. O jihad nem sempre é religioso, e não está diretamente ligado a guerra, ou é sinônimo de guerra. Vimos que o jihad é uma luta interior contra nosso ego, nossas paixões, uma luta moral, e que podemos ver como um modo de vida, que na verdade é, e que também se mostra como uma disciplina espiritual. Assim como os conceitos se mostram aberto ao diálogo, cabe a nós também a propor “ jihad” como fez Lucchesi, almejando um diálogo entre culturas e religiões, proporcionando um melhor convívio e entendimento.

### **Referências**

- BERGER, Peter, L. *Dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Ed: Paulus, 2004.
- BERGER, Peter, L. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Petrópolis, Vozes, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível: Convivência, respeito e tolerância*. Petrópolis, Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: Desafio para o século XXI*. Vozes, 2009.
- CHEREM, Youssef. *Jihad: Duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico*, Campos, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Ed. Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002
- HATHOUT, Hassan. *Viagem pela mente de um muçulmano*. Espanha: American trust publications, 2014.



- HOURLANI, Albert. *Uma historia dos povos árabes*. Companhia das Letras, 2006.
- KHATAMI, Muhammad. *Dialogo entre civilizações: O Irã contemporâneo e o Ocidente*. Editora Attar, São Paulo 2006.
- LUCCHESI, Marco (Org). *Caminhos do islã*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- NASR, H. Seyyed. *The study Quran: A new translation and comentary*. 2015
- TALIB, Ibn, Ali. *Nahjul Balaghah*. Islamic though, Trad. Syed Ali Reza, 2002.
- TEIXEIRA, Faustino. *O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio*, 2003